



ATA 873

Aos oito dias do mês de setembro de dois mil e vinte e seis, às dezoito horas, no Auditório do Sindicato dos Profissionais em Educação Municipal de Canoas, sito a Rua Quinze de Janeiro, número cento e vinte e um, sala duzentos e dois, Centro, Canoas, reuniram – se os representantes das escolas fundamentais, membros da diretoria, secretária de educação Beth Colombo, secretárias adjunta Gisele Bervig Martins, Elisangela Silva de Oliveira e Susiane Nabinger e o Diretor da Infraestrutura Francisco. Para tratarmos da seguinte pauta: escuta da categoria sobre os problemas das escolas. A presidente do Sinprocan Simone Goulart inicia a reunião cumprimentando a todos os presentes, explicando como será a dinâmica, inclusive o objetivo desta reunião, comunica que a reunião será gravada, apenas o áudio das pessoas presentes,. Todos terão o direito de se manifestar e cada pessoa terá três minutos para se pronunciar. Passou a palavra para a secretária Beth que explicita não ter problema algum com a sua imagem, mas respeita a decisão da maioria, explicando que estamos em um momento delicado por ser um momento de eleição nacional e dentro da instituição, lançando a questão do que os colegas querem: com imagem ou sem imagem. Fábio sugere que, quando ele for falar, que seja gravado a sua imagem. Retomando a pergunta pela secretária, todos concordam que será gravado apenas áudio. Simone começa os pontos para questionamentos, sendo a primeira pergunta com o tópico de recursos humanos, onde César inicia questionando sobre duas colegas que terão seus contratos encerrados e como será a reposição das mesmas, além da segurança feita por guardas e como isso será resolvido. A secretária responde que a mantenedora está com vencimento dos contratados e com dificuldades de fazer a reposição desses profissionais, assim como, depois de feito o concurso, houve poucos aprovados para os técnicos em educação. César questiona se os planos de carreira não são atrativos, tendo como resposta que o problema foi que as pessoas reprovaram e estamos com processo de contrato para técnicos. Sobre os professores para a Educação Infantil e Ensino Fundamental, estão sendo chamado em torno de cento e setenta profissionais, sobre os especialistas, foi opção da secretaria de educação fazer primeiro o chamamento dos professores para a sala de aula. Sendo que a questão das readaptações é um número que assusta, devido às restrições físicas e de saúde. Em relação aos secretários, esse cargo foi extinto. Os contratados serão substituídos, pois já está em processo de chamamento. César fala do vínculo das crianças das series iniciais com seus professores, onde Beth responde que a direção deveria ter o cuidado de não colocar um professor contratado nessa etapa do ensino e a mantenedora irá orientar as direções a não colocar contratados nas turmas de alfabetização. Fala ainda, que Canoas está muito bem avaliada dentro do programa alfabetização na idade certa. Ainda com a palavra, César questiona que se não seria o caso de fazer a substituição dos contratados por concursados. Beth responde que não adianta ser concursado, pois as pessoas se exoneram. Aline fala que o plano de carreira não é atrativo, onde Beth reconhece essa fala, mas que já há um grupo de trabalho fazendo os estudos necessários para que seja feita as alterações nos devidos planos. Gisele toma a palavra, colocando que sempre que há encontros entre a mantenedora e o sindicato, a pauta dos contratos é levantada, sendo ela contra os contratos, mas é a forma mais rápida de se repor os professores em sala de aula. Hoje há uma norma legal que aponta o número ideal de concursados. Que além das vagas abertas para os contratos, será aberto até o final do ano de dois mil e vinte e seis, novo concurso para os cargos de técnicos e professores de Educação Infantil e Anos Iniciais. Aline questiona sobre os especialistas, tendo a resposta de que foram chamados alguns profissionais. Beth retoma a palavra, respondendo sobre a questão da segurança das escolas, e que o contrato com a empresa responsável está encerrando, mas já está com um processo de licitação para a contratação de nova empresa. Está se vendo a possibilidade de um monitoramento através de câmeras, que tem uma fala de ser mais eficiente no quesito segurança. Nívea coloca a preocupação de sua escola, onde tem contratos terminando e a falta de professores dentro da escola, principalmente com as turmas das séries iniciais. Beth responde que solicitou que não se fique sem professores nas escolas e pediu para que os professores que estão fora da sala de aula, ainda nessa semana, retornem até para que se possa



SINPROCAN
Sindicato dos Profissionais em Educação Municipal de Canoas
CNPJ Nº 97.130.835 / 0001 – 06

ter um respiro dentro da escola, com um prazo de trinta dias para que sejam substituídos por profissionais contratados ou concursados. Gisele explica como funciona a questão das vagas dentro do espaço da educação. Letícia questiona sobre a realocação das técnicas e como a secretaria está monitorando a questão dos monitores, pois alguns não têm atitudes adequadas para estar dentro da sala de aula, onde Beth responde que esses fatos devem ser reportados a direção da escola imediatamente, segue explicando como foi feito a contratação dessa empresa e todo o aparato disponibilizado pela mesma aos seus monitores, por essa razão, qualquer desconformidade com esses profissionais, devem ser reportadas a direção da escola que deverá informar a empresa responsável para que faça a devida troca desse profissional. Nos últimos meses, está sendo feito reunião individual com as direções para saber como está essa problemática. Charlene questiona sobre os professores afastados que continuam ocupando as vagas e os colegas que estão em outras secretarias, se eles estão ocupando essas vagas ou as deixaram desocupadas. Fala ainda que, no momento que a equipe diretiva precisa estar em sala de aula, a escola implode, fazendo com que ocorra um efeito dominó, ocasionando casos de violência e preconceito. Beth responde que sim, esses profissionais integram o quadro da secretária, pois é dela seu cargo de concurso. Sendo esse um problema que vem se agravando com o passar do tempo, pois não há concursos para esses cargos administrativos. Silvia toma a palavra e questiona que o maior problema é a insegurança climática, onde há escolas que não possuem nem ventilador, como será a organização para esses eventos. Que em sua escola receberam equipamentos de ar condicionado, que estão sendo instalados com a verba compartilhada e rifas, mas que não podem ser ligados, pois a rede elétrica não comporta esse fluxo de energia, além de escolas com problemas de goteira e alagamento. Beth responde que a verba da gestão compartilhada é um valor bem substancial, além de valores que vem do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), sendo que chega ao final do ano e tem escolas que precisam devolver o que sobra, pois não comprou o que precisava. Francisco responde que já entrou em contato com a empresa que faz a distribuição de energia elétrica no município solicitando o aumento de carga do transformador de perto da escola, na rua, e que acordou com o diretor da escola que seria feito a instalação de alguns aparelhos, estão aguardando que a empresa faça o aumento da carga dos transformadores localizados na rua. Beth retoma a palavra dizendo que os prédios das escolas são de uma época em que não havia a estrutura necessária para a instalação dos aparelhos de ar condicionado. A questão da goteira tem solução na gestão compartilhada. Maria Luiza toma a palavra, retoma a falta de professor de língua portuguesa, que já foi respondida. Fala ainda, que ela e seus colegas grevistas querem trabalhar aos sábados e não deixam, até para poder cumprir o quanto antes essa agenda, sendo que há escolas que conseguem trabalhar, inclusive, em ambos os turnos. Gisele coloca que o calendário pós-greve era um quebra cabeça sem fim, onde dentro de uma escola poderia ter vários calendários. Por essa razão, deu-se autonomia para que as direções pudessem resolver isso. Também houve uma reclamação da própria direção, que teria que ir todos os sábados para abrir a escola. Assim como houve várias sugestões das escolas que foram acolhidas, tendo uma flexibilização para o fechamento do calendário, colocando-se à disposição para conversar sobre a situação da escola. Márcia relata a situação da escola Ceará, que era para ser um prédio provisório, mas está se tornando permanente. Beth responde que há um impasse em relação ao prédio antigo, onde se questionou se desmanchava ou não esse prédio e passou a palavra para Francisco dizendo que o setor de obras a orientação era demolir o prédio antigo, inconformados recorreram ao CREA, que orientou a fazer uma boa reforma. Solicitou-se ao escritório de projetos, no ano passado, uma planta de reforma e até agora esse projeto não chegou à mesa da secretária para que se possa fazer a dita reforma. Márcia pergunta o que será feito na escola, recebendo a resposta que será feita uma grande reforma, mas não se sabe quando será. Wagner toma a palavra relata o problema do esgoto que está caindo na escada e que quando chove forte, cria uma lâmina d'água próxima à quadra de esportes, onde se necessita deslocar os alunos para outro bloco dentro da escola, ocasionando o ajuntamento de turmas. Suziane responde que combinou com o diretor, fazer uma obra grande, no período de férias, para resolver esse problema, em relação à água empoçada, é necessário fazer uma drenagem do local, que pode ser feita com a verba compartilhada. Wagner questiona qual o critério usado para a distribuição dos monitores nas escolas, recebendo a resposta



SINPROCAN
Sindicato dos Profissionais em Educação Municipal de Canoas
CNPJ Nº 97.130.835 / 0001 – 06

que é pelo número de inclusões. Wagner continua dizendo que seria necessário um monitor por turma, mas hoje, em sua escola, os monitores ficam apenas dois períodos em turma. Segue falando que ficou preocupado com a fala de vídeo monitoramento, parece-lhe uma falha muito grande, pois mostra o que está acontecendo no momento e, até se conseguir fazer alguma coisa para contornar esse problema, leva-se tempo, citando um exemplo de sua vivência, pedindo uma posição da secretaria, recebendo a resposta que não teria uma posição, pois esse é um posicionamento da secretaria de segurança e do executivo e está em discussão essa situação. Aline com a palavra relata que traz alguns questionamentos da escola. Questionando se os livros do pacto chegarão ainda esse ano. Recebendo a explicação de que esse material era comprado e agora quem deverá produzir é a secretaria e que chegará ainda esse ano. Relata ainda que tem crianças que vem de escolas municipais que não estão preparadas para o fundamental. Recebendo a resposta de que o município tem um grande número de escolas credenciadas que não tem a preocupação. Beth responde que essa é uma preocupação que a mantenedora também tem, e pretendem tentar absorver esse fluxo de crianças, deixando a fase creche para as conveniadas. Aline fala ainda de sua angústia de ser obrigada a passar de ano crianças que ela julga despreparadas para acompanhar o quarto ano, mesmo que isso reflita nos índices educacionais. Beth responde que não houve um olhar diferenciado sobre nosso município, que enfrentou dois anos de pandemia e mais um de enchente. Gisele toma a fala, relatando que, no pós-pandemia, os estudantes estão bem infrequentes não tendo nenhum tipo de consequência, e que devemos usar as ferramentas disponíveis para termos esse tipo de controle. Aline questiona sobre um movimento de atendimentos especializados para os profissionais em educação, recebendo a resposta de que hoje, a junta médica, é somente para receber atestados, que deveríamos, talvez, até contratar uma empresa especializada para poder acolher os colegas, sendo essa uma conversa que está tendo com o prefeito. Aline retoma a questão das técnicas que foram remanejadas para a Educação Infantil, sendo que os monitores não as substituem. Tendo a resposta que o concurso é para a prefeitura de Canoas, esse movimento de remanejamento foi necessário, pois na Educação Infantil a situação é bem pior e não existe equipe diretiva. Sheila toma a palavra, falando sobre as técnicas, que estão sem, e os monitores não estão dando conta das inclusões. Gisele toma a palavra, dizendo que a Escola Duque de Caxias foge a curva devido ao grande número de inclusões e explica o porquê desses remanejamentos. Sheila ainda relata que é pedagoga, mas têm assumido diferentes áreas do conhecimento, diferentes de sua formação e questiona como dar conta das cobranças pelo índice, sendo corrigida pela secretária que rebate dizendo que somos todos cobrados, pois se não atingirmos as metas, perdemos recursos e não conseguiremos fazer o que precisamos. Isadora reitera as falas de alguns colegas e pretende ser objetiva, que segundo o conselho educacional, as crianças precisam ter uma distância mínima entre as crianças, mas sua turma está lotada, com as crianças muito próximas e com o grande número de inclusão, deixando a qualidade de nosso trabalho precarizado. Questiona se há um limite para as inclusões dentro das salas de aula. Onde Gisele responde que deve ter um metro e vinte centímetros para cada criança, inclusive com uma distância mínima do quadro. Continua dizendo que hoje não existe mais legislação que limite a um número de inclusões por turma, sendo esse um assunto delicado de se tocar, pois podemos correr o risco de cair em um preconceito. Que a mantenedora tem procurado alternativas para essa problemática. Débora fala que em muitas coisas já foi contemplada, mas gostaria de saber como está a situação da escola Sete de Setembro, recebendo a resposta de que a subestação está pronta e o que falta é a RGE dar continuidade ao serviço. Questiona também sobre a obra da escola, com a resposta de que a empresa entrou em uma fila de pagamento, que só mantém os trabalhos se receber, retoma a situação da falta de professores e pede a sensibilidade da mantenedora, para um projeto de horta na escola, sendo um ganho para todos e que seria lindo se todas as escolas pudessem aderir, através da secretaria. Beth responde que esse não está respaldado nesse projeto junto a Petrobrás. Mas que essa fala da colega tão empolgada pode ser usada para auxiliar a secretaria a aumentar esse projeto. Amada se apresenta parabenizando a todos, principalmente por estarem aqui buscando respostas as suas angústias e questionamentos. Solicita que a mantenedora se empenhe em que seja feito mais concursos para que o Canoasprev não quebre. Rafael toma a palavra dizendo que



SINPROCAN
Sindicato dos Profissionais em Educação Municipal de Canoas
CNPJ Nº 97.130.835 / 0001 – 06

são duas questões e novamente fala sobre as faltas de profissionais, que não é possível que esse problema seja tão antigo a ponto de se ver como algo normal. E que a escola é muito pequena que deveriam ir para outro bairro. Beth responde que deveriam ser retirados os vizinhos da escola para que se faça as obras, mas esses vizinhos se recusam a sair e deveriam ser desapropriados, mas a legislação mudou e não se consegue mais fazer isso. Rafael questiona qual o critério para o investimento na construção de quadra coberta ou outra área coberta para a comunidade escolar e Beth responde que na escola Pinto Bandeira não tem solução, pois não tem área para que se faça a construção de uma área coberta. Rafael ainda relata que foram feitas muitas reformas, mas ainda tem muita coisa a ser feita. Fábio pede licença para entregar um documento em mãos da secretaria e diz ter duas perguntas voltadas para o Fundeb, onde foi levantado um documento durante a greve pelo sindicato, onde há o uso de quarenta e sete milhões de reais do Fundeb no Conecta mais e se não poderia ser usado em outros fins, questiona também sobre o rateio do Fundeb, por que ele não é feito. Beth fala que ela é a pessoa mais desejosa desse rateio, mas tem suas condicionalidades, como todo e qualquer rateio que existe no país. Explica ainda, que o rateio deve ser um prêmio para o colega que não tem faltas, que consegue ter aumento do desempenho, da frequência escolar, entre outros. Beth expõem os valores de incentivo que são pagos por criança matriculada. Fábio ainda fala que o que indigna os colegas é a morosidade das coisas a serem feitas. Gisele fala que a secretaria sabe que a rede tem muito potencial e sabem que, apesar de todas as dificuldades, a rede vem crescendo ao longo dos anos. Sobre o conecta, Elis responde que está se tentando reduzir o valor gasto, fazendo uma supressão de vinte e cinco por cento, mas esse valor não sai do Fundeb, salvo em algumas exceções. Maria Luiza relata que em sua escola os professores não querem usar o conecta e questiona o que isso pode impactar para os professores. A escolha por usar ou não o conecta mais é do professor, mas deve-se trabalhar esse tipo de aprendizado com os estudantes. Cicero Fala que primeiro devemos entender coisas que vem acontecendo há muito tempo, para sabermos o porquê chegamos ao que chegamos. Fala ainda que Educação de qualidade custa dinheiro. Que quando entrou no município a maioria dos colegas era concursado e, hoje, quem trabalha vinte horas, do plano antigo, ganha mais do que os professores concursados de quarenta horas. Que existe a questão da diferença salarial e da saúde mental dos colegas, realidade demonstrada durante a greve. Acredita que nossa categoria está perdendo o brilho nos olhos. Fala ainda que a reconstrução do ânimo e da vontade dos colegas passa pelo investimento em infraestrutura e valorização da educação. Falas com as quais Beth concorda, mas que há contrapontos que vem do governo federal, onde Fundeb é resultado estatístico. Fabiana relata que irá expor algumas demandas da escola Erna Wurth, como por exemplo, a segurança dos estudantes, devido ao local onde se tem muitos atritos e brigas em frente à escola. E que se faz necessário trocar o piso da escola, mas foi um valor muito alto. Além de que o ginásio, ao ser concluído sua reforma, seja repassado à escola. Sendo assim, faz um desabafo da situação das inclusões dentro da escola, falando que em torno de dezoito por cento dos estudantes são de inclusão dentro da escola. E que saúde e educação devem andar juntos. No que Beth fala que a saúde é uma coisa e educação é outra e cada um deve atuar em sua área. Vinicius Thomé diz que faria uma pergunta, mas já foi contemplado, mas sai daqui hoje com o sentimento de estar sendo desrespeitado, pois a mantenedora vem sempre com uma desculpa para a valorização da categoria. Que estamos com uma categoria adoecida, que fez um movimento grande, e vem em um ato para ouvir desculpas. Questiona ainda se a secretaria acha justo fazer esse tipo de pressão junto à categoria. Que a categoria não se sente abraçada. No que Beth questiona qual a sua sugestão para a valorização, já que meritocracia não vale para o Fundeb, sendo que, se o município atende, ele recebe, caso contrário, não recebe. Ao ser questionado, André fala que a greve deixou bem claro que a categoria aponta para um lado e o executivo para outro. E que esses momentos de espaço de fala são uma conquista da população através da luta sindical e não uma benesse do governo. Nada mais havendo a tratar a reunião foi encerrada. Esta ata vai assinada por mim, Rosiane Teresinha Klunck, Secretária Políticas Sociais do Sindicato dos Profissionais em Educação Municipal de Canoas e pela Presidente do Sindicato dos Profissionais em Educação Municipal de Canoas, Simone Riet Goulart, demais presentes consta lista de presença a qual é parte da presente ATA.